



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS: UMA JORNADA DE FORMAÇÃO POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Fernanda de Deus Junqueira¹

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis²

Resumo: De que te serve um estágio? Dentre a matriz curricular obrigatória de um curso de licenciatura ou bacharelado, tem os estágios, talvez de imediato uma prática temida, já que, formalmente, é o momento de colocar em prática o aprendido durante anos de graduação. Dessa maneira, este trabalho propõe apresentar vivências e experiências acontecidas em um Estágio Supervisionado de Ciências em quatro turmas de 8º ano do Instituto Educacional Anísio Teixeira (IEAT). Tal prática, é proveniente da disciplina Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité/Ba. Inicialmente é apresentada uma breve abordagem sobre a perspectiva geral de estágio, na sequência é feita uma descrição do contexto onde ocorreram tais práticas e algumas vivências e experiências provenientes delas. Neste estágio, em específico, as vivências e experiências realizadas contribuíram para pensar e desenvolver os Estágios subsequentes, entender o processo formativo na dimensão pedagógica, assim como conhecer os desafios e as possibilidades da boniteza da docência. Portanto, este trabalho constitui um material de abordagem qualitativa relevante para a investigação dos estágios nos cursos de licenciaturas, bem como, os rumos formativos no *continuum* exercício docente.

Palavras-chave: Ciências; Estágio de Observação; Formação docente. Saberes discentes.

Abstract: What good is an internship? Internships are part of the compulsory curriculum of an undergraduate or bachelor's degree course, and perhaps immediately a dreaded practice, since, formally, it's the time to put into practice what you've learned over the years. In this way, this paper proposes to present the experiences of a Supervised Science Internship in four 8th grade classes at the Anísio Teixeira Educational Institute (IEAT). This was part of the Pedagogical Practice and Supervised Internship I course in Biological Sciences at the State University of Bahia, Campus VI, Caetité/Ba. Initially, a brief overview of the general perspective of internships is presented, followed by a description of the context in

¹ Graduanda em Ciências Biológicas; Departamento de Ciências Humanas, Campus VI – Caetité/Ba, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb); deusjunqueirafernanda@gmail.com.

² Doutora em Educação pela UFMG; Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII – Guanambi/Ba atuando na graduação e pós-graduação. E-mail: smaoliveira@uneb.br

which these practices took place and some of the experiences that came from them. In this specific internship, the experiences contributed to thinking about and developing subsequent internships, understanding the training process in the pedagogical dimension, as well as learning about the challenges and possibilities of the beauty of teaching. Therefore, this work constitutes a qualitative approach relevant to the investigation of internships in undergraduate courses, as well as the formative rumors in the continuum of teaching practice.

Keywords: Science; Observation Internship; Teacher training. Student knowledge.

Palavras Iniciais

Como a árvore troca de folhas,
eu (re)faço meu eu anterior (...)
Fernanda Junqueira

Após passar por algumas disciplinas na graduação, chega o tão esperado momento do estágio. É hora de oficialmente sair dos muros da Universidade e fazer uma imersão obrigatória na carreira profissional escolhida para exercer futuramente, aqui também poderá haver a decisão “seguir ou não?”. Este período pode ser temido e de preocupação para enfrentar o novo, mas de altas expectativas sobre o que está por vir. Assim, inicia-se a vida de um estagiário e de uma estagiária, procura campo de estágio, professor ou professora regente, e ainda disposição para a continuação do colocar em prática o já aprendido nos demais anos da graduação.

Nesta perspectiva, o estágio constitui uma prática de aprendizado no exercício da profissão que será exercida no futuro, de modo a compactuar os conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos durante a jornada. Com isso, dependendo do curso de origem, há modalidades distintas de estágios, abrangendo desde campos públicos privados, organizações não governamentais ou em programas permanentes da extensão universitária (Scalabri; Molinari, 2013). Isso porque é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), desde 2006. Logo, independente de ser um curso de bacharelado ou de licenciatura, ambos devem ter o estágio como pré-requisito para conclusão do curso de graduação.

Posto isso, cada estágio é carregado por novas experiências e vivências que corrobora na formação continuada docente. Mediante isso, almejamos neste texto abordar as experiências e as vivências em um estágio supervisionado de

observação na disciplina de Ciências de quatro turmas de 8º ano do ensino fundamental em uma escola do sertão produtivo baiano. Portanto, será inicialmente apresentada uma breve abordagem sobre a perspectiva geral de estágio, na sequência uma descrição do campo onde foi realizado e algumas vivências e experiências desta prática.

De que te serve o estágio?

Por vezes o estágio é visto como a execução da teoria aprendida nos demais anos da graduação, como se a teoria e a prática fossem duas palavras distantes no âmbito educacional, quando na verdade a formação acadêmica deve caminhar concomitante à teoria e a prática. Conforme Brasil (2012), um dos requisitos de normas para a promoção do estágio é a articulação teoria/prática durante todo o curso de graduação, interagindo componentes curriculares com vivências de competências exigidas no exercício acadêmico profissional.

Para tanto, a temática “teoria” e “prática” não se dissocia no âmbito educacional. A partir delas é que se tem um compromisso de construção e transformação da sociedade, precisando dialogar entre si, fugindo da ideia tradicional do saber somente enquanto teoria construída e separada da ação/prática. Dessa maneira, é que a formação do professor ou professora não consolida apenas na matriz curricular, e sim como uma profissão que também é prática e deve estar em busca constante de aprender o modo de fazer.

Neste certame, quando o graduando ou graduanda de licenciatura vai para a sala de aula e senta-se em uma cadeira “observando”, co-participando ou regendo, poderá estar construindo a experiência estágio como campo do conhecimento e não apenas uma mera prática dissociada da teoria ou vice-versa, passando também a exercer um papel social de transformador da realidade (Pimenta; Lima, 2005/2006). Dessa maneira, proporciona ao licenciado e a licencianda a instrumentação teórica e prática de funções imprescindíveis e favorece a ampliação do universo cultural dos acadêmicos (Scalabrin; Molinari, 2013), isto é, o estagiar está intrinsecamente relacionado a práxis, que a “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p.38).

O/no campo de estágio!

Este trabalho constitui uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo (Bogdan; Biklen, 1994) originado de um relato de experiência em um estágio de observação em quatro turmas de 8º ano do ensino fundamental do IEAT, Caetité/Ba, a partir da disciplina Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado I da matriz curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UNEB, *Campus VI*). A execução das atividades de estágio ocorreu no primeiro semestre de 2023, tendo as vivências descritas em um diário de campo durante todo o período. Para tanto, uma parte do ementário da disciplina propõe a vivência na sala de aula enquanto coparticipante, no intuito de vivenciar a docência compartilhada sob orientação/observação dos professores regentes do ensino fundamental e do professor de estágio da universidade. Além disso, no decorrer do estágio foram discutidas e analisadas as diferentes concepções de Estágio dentro e fora da sala de aula e a práxis do professor de ciências na educação básica.

Vale destacar que a educação acontece para além da sala de aula. Sendo assim, a observação ocorreu desde a entrada nos portões e o olhar dos/as estudantes: “mais uma estagiária”, sala de professores/professores até chegar à sala de aula. Possui prédio próprio com 23 salas de aula; comporta o ensino regular, ensino fundamental, ensino médio, EJA - fundamental e ensino médio. Estando em funcionamento nos turnos matutino (17 turmas), vespertino (17 turmas) e noturno (11 turmas), sendo a nomenclatura dos anos por números ordinais acompanhados por letras, em ordem alfabética. A matriz curricular é composta por disciplinas que variam de acordo o nível de escolaridade, e a série; todas de acordo os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao nível estrutural físico, possui um extenso pátio com grandes angiospermas que datam vários anos de sombras e eternizam momentos de interações entre os estudantes e as estudantes, além de uma área com outras plantas ornamentais. Os corredores que é a forma de levar as pessoas a um destino, o *lócus* central do educativo (Dayrell, 2010), é povoado por grande quantidade de estudantes, apresentava mural informativo, cartazes provenientes de atividades das disciplinas e ainda campanhas de conscientização do *Bullyng*, por exemplo. Além disso, havia quatro lixeiras de coleta seletiva.

Quanto a configuração das salas de aula, tem a lousa branca à frente com um mural informativo ao lado, e as cadeiras organizadas em filas sentido ao quadro. Tinha algumas frases escritas nas paredes das salas: “Amor não maltrata, as

peças sim”; “O amor só mata aqueles que não sabem amar”; “Para que viver se o final da vida é a morte?”. Quem foram as pessoas que escreveram aquelas frases? Teve alguma motivação específica para tal? Aqui é que o campo de estágio ultrapassa os limites dos conteúdos didáticos, mas de pensar o lado humano de cada ser que passa pelas salas, seres de histórias, vivências e experiências que devem ser consideradas no processo educativo. O estágio realmente (re)faz o eu anterior nos valores profissionais e pessoais.

Poucas: das muitas vivências

Dentre as várias vivências de uma estagiária, chamou atenção a relação entre o saber discente e os conteúdos didáticos sugeridos a eles por meio do livro didático. A aula é um momento de interação entre educando/educanda e educador/educadora, assim algumas dúvidas no campo da ciência como: “O que acontece com água no pulmão”; “Uma mulher com mulher pode engravidar, como?”; “Quantos pulmões temos?”; “Não puxei nada de minha mãe”. Como também a contagem de experiências de fenômenos já vividos (um familiar com chagas, por exemplo) que remetiam aos assuntos de explicação, que no caso foi os sistemas humano (respiratório e reprodutor). Em cada conteúdo surgia várias experiências e histórias contadas pelos/as alunos/as, muitas vezes com questionamentos difíceis, com respostas imediatas ou com instigação para o aluno ou a aluna a ir à busca do conhecimento.

Sendo assim, o/a estudante são detentores de saber, e devem ser considerados no processo de ensino. Para isso, em uma sala, é possível embasar na aprendizagem significativa de Ausubel, em que, os alunos ao ouvir uma nova palavra fazem ligação com o já aprendido anteriormente (Moreira, 2006), explicitando que ele realmente não é uma tábula rasa (John Locke). É nesse sentido, que percebi o quanto o docente deve trazer em sala diferentes metodologias, talvez não sejam possíveis várias metodologias em uma aula só, mas no decorrer da unidade é importante, para atender a diversidade dos/as alunos/as.

Além disso, nas andanças da observação o/a estagiária depara com os desafios da profissão docente, notando que cada escola é única, cada sala e discentes também, por isso, cada dia novos desafios. Foi difícil em uma aula ter atenção de todos, na maioria das vezes grupos eram formados e as conversas paralelas extras aos assuntos não deixava a explicação conforme programado. Além

de outros problemas de cunho pessoais dos/as estudantes que também necessitavam de alguns minutos da aula para apaziguar a situação. Para isso o aprendizado e a reflexão do que é aula, e de quais fenômenos podem estar envolvidos nela. Ao preparar uma aula, tem-se um roteiro e um plano, contudo o preparar e o executar ainda têm vários elementos para ser enfim concretizado.

Ademais, outro ponto notado é qual o papel docente em sala de aula, e dentre eles, o de professor humano e empático. Por trás de cada estudante sentado/a em uma cadeira azul, tem histórias e pode ser que haja um turbilhão de emoções e sentimentos. O/a docente também vai para sala com a sua mochila de vida. Nesta perspectiva é que me ponho a refletir sobre a pedagogia da afetividade que pode ser lembrada aqui como uma complementação do pensar à humana docência e as diferentes realidades,

[...] O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança, a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem (Freire, 1996, p. 45).

O estágio não é a imitação das observações como aponta Pimenta e Lima (2016), não somente entender a teoria que rege a docência, e sim compreender o educando, como educando, digno de atenção na função que tem na sala. Freire (1996) aborda: “A educação é um ato de amor”, é para além de meros conteúdos, mas ver o/a discente como humano. “Tia por favor vai não, eu gosto de conversar com você, você me ajuda tanto” (Aluna R). Por vezes, os/as discentes precisam apenas conversar. Dentre as tantas vivências, “o docente como humano” é uma das experiências marcantes que fica, já que, dentre tantos acontecimentos na vida docente, apenas alguns tornam experiência, o que conforme Larossa (2002, p.21) é aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Além disso, soma-se a relação estagiária e a professora regente que foi um facilitador e tornou todo o processo mais leve e prazeroso, é com estes mestres que já estão em exercício da profissão que é possível aprender a cada prática. Certamente, tem alguém na sala observando talvez não seja confortável, mas ainda assim estes(as) professores(as) acolhem e colabora para a formação de futuros licenciados(as). Por vezes, tinha mais de cinco estagiários (as) na sala dos

professores, maioria vinculados a UNEB, sendo relevante apontar que esta escola e vários de seus docentes desenvolvem papéis pertinentes na formação de licenciandos(as) desta universidade.

Considerações Finais

Mesmo que o nome da disciplina popularmente falado “estágio de observação”, “estágio de regência”, já foi observado e continuaremos a notar que vai muito além de observar e reger em uma sala de aula a ou b. Neste estágio, foram várias vivências e experiências que colaboraram na bagagem para execução dos próximos, e assim estenderá por todo o processo formativo, serviu também para incentivar a seguir a tão importante profissão docente, mesmo com as vivências dos desafios. O papel do estagiário e da estagiária não se encerra a última missão de carga horária a se cumprir, é preciso levar à docência como um constante aprender, observando para analisar e refletir criticamente as concepções e fundamentos da educação como transformadora das diversas realidades encontradas na escola ou qualquer instituição educacional ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Regulamento (2012). **Projeto de Reconhecimento do Curso de Ciências Biológicas**. Salvador, BA, p. 1-476.

DAYRELL, J. T. A escola como espaço sócio-cultural. **UFMG**, [S. L.], p. 1-27, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ**, 2002, n.19, p.20-28.

MOREIRA, M. A.. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 2006.

PIMENTA, S. G.; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, São Paulo, v. 3, p. 5-24, 2005/2006.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática de estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, [S. L.], p. 1-12, 2013.